

As práticas associativas dos trabalhadores do setor de confecção em Goiânia: um enfoque sociológico

Marques, Rogério dos Santos Bueno¹; NUNES, Jordão Horta²

Palavras-chave: associativismo, reestruturação produtiva, setor de confecção

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

A temática da reestruturação produtiva tem sido central nos estudos do trabalho, com especial destaque para os setores mais tecnologicamente desenvolvidos. Já setores como o de confecções, que tem considerável parte da cadeia produtiva dominada pelo trabalho a domicílio, intenso uso da força de trabalho e baixo desenvolvimento tecnológico, têm sido bem menos abordados como objetos de pesquisa sociológica. É com esta perspectiva que este trabalho vem abordar o desenvolvimento do setor de confecção em Goiânia, bem como a situação da classe trabalhadora vinculada a este setor, principalmente no tocante às práticas associativas desses trabalhadores no desenvolvimento da capital planejada. Segundo a RAIS, a população formalmente empregada no setor de confecção em Goiânia responde por 2,8% de todos os vínculos empregatícios da cidade. Conceitos tais como terceirização, subcontratação, trabalho a domicílio, divisão sexual do trabalho e reestruturação produtiva fazem parte do instrumental teórico da pesquisa. Outro objetivo da pesquisa é verificar os alcances e limites de tais categorias conceituais no que se refere a um setor peculiar da produção.

2. METODOLOGIA

2.1 – Levantamento bibliográfico.

Uma série de trabalhos, tais como os de ABREU (1986); LIMA (1999), ABREU e SORJ (1995) e RAMALHO e SANTANA (2004), nos orientam na busca da operacionalização de conceitos tais como os de subcontratação, terceirização, além das especificidades da indústria do vestuário. O estudo das cadeias produtivas é didaticamente trabalhado por LEITE (2004) e NUNES e CAMPOS (2006), além disso, a relação entre as categorias gênero e trabalho permeia todos os estudos aqui citados.

2.2 - Levantamento em bancos de dados

Com vistas a compreender o impacto dos processos de reestruturação produtiva, recorreremos a bancos de dados tais como o Cadastro de Empresas da Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás, mapeamento dos APLs feito pelo SEBRAE, cadastro das Secretarias de Planejamento municipal e estadual, Censo e PNAD (IBGE), RAIS e Séries Históricas (Ministério do Trabalho e Emprego).

2.3 – Survey

A amostra foi retirada do cadastro de empresas registradas no site da Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás. O número de 150 empresários na amostra permite um nível de confiança de 95% para uma margem de erro de 7,7 pontos percentuais em relação ao número de empresas cadastradas. Procurou-se, em relação à escolha intencional dos trabalhadores, selecionar informantes que pudessem representar valores de categorias especificamente importantes para os objetivos da pesquisa, como: localização espacial da empresa em Goiânia, porte (número de empregados), volume de produção e tipo de produto, empregados contratados, subcontratados e free-lancers (costureiras isoladas).

No caso dos trabalhadores foi retirado um quantitativo de sujeitos (também 150) de parte das empresas cujos proprietários foram entrevistados, além de focar trabalhadores subcontratados e informais (incluindo domiciliares). Neste último caso utilizou-se a amostragem chamada de “snow-ball”, que se pauta na indicação informal dos entrevistados. Buscou-se a visão dos (as) trabalhadores (as) e patrões com relação às práticas

associativas, às mudanças tecnológicas e às relações de contratação e trabalho, além da trajetória individual relacionada ao setor de confecções. Para uma melhor operacionalização da pesquisa, utilizou-se um *software* de análise de dados quantitativos, o SPSS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 – Percepções sobre o associativismo

Algumas cooperativas tiveram início de registro, mas não chegaram a se formalizar, sendo logo abandonadas pelas potenciais cooperadas. Nota-se uma descrença no poder de mobilização dos sindicatos e associações de trabalhadores. Apesar da presença do sindicato da categoria ser, até certo ponto, forte, muitas costureiras nunca se filiaram e nem pensam em se filiar a nenhum tipo de associação. Do outro lado, os proprietários de confecção, que também têm suas associações, são também pouco presentes nos processos de mobilização e atividade política promovido pelas associações – todavia as confecções caracterizadas como microempresas são em grande parte excluídas dos objetivos mercadológicos das associações empresariais, ou seja, as associações empresariais visam, na maior parte das vezes, as médias e grandes confecções.

3.2 – Mapeamento das práticas associativas no setor de confecção

Demonstra-se claramente a falta de associações ou entidades que consigam congregar os múltiplos interesses envolvidos tanto por parte de trabalhadores quanto pelos empresários. As associações patronais se revelam, grosso modo, voltadas apenas para os interesses das empresas de médio e grande porte. No caso dos (as) trabalhadores (as) foi identificado apenas um sindicato. Os estudos de casos feitas em outras regiões do Brasil estão sendo, aos poucos, confirmados também em nossa capital. Algumas exceções são claras, como, por exemplo, a disseminação de cooperativas de trabalho e de produção, típicas em outras regiões, que não foi encontrada em nossa pesquisa.

3.3 - Organização da produção

O estudo da cadeia da produção no setor de confecção em Goiânia revela um processo de produção que emprega de maneira informal a grande maioria dos (as) trabalhadores (as) no chamado trabalho a domicílio. Grande parte das costureiras se insere num contexto em que família e trabalho dividem o mesmo ambiente, revelando assim a precariedade das condições de trabalho, além dos impactos gerados sobre o associativismo visto que o trabalho a domicílio é, via de regra, individualizado e, obviamente, informal e sem os amparos da legislação trabalhista.

4. CONCLUSÃO

Os estudos de casos feitos em outras regiões do Brasil estão sendo, aos poucos, confirmados também em nossa capital. Nota-se, a partir das semelhanças e diferenças com outros casos, a importância de um estudo de caso sobre a região metropolitana de Goiânia, que congrega as já afirmadas peculiaridades do setor de confecção com as peculiaridades de nossa própria região. As conclusões que podem ser tiradas de tal pesquisa é a peculiaridade de Goiânia em vários aspectos relativos à organização do setor de confecções. O quantitativo de pessoas trabalhando em tal setor é crescente na capital, o que configura um grande peso em relação à geração de emprego e renda – algo que difere de regiões onde há maior número de empresas de médio e grande porte (como São Paulo) , que, nesse caso, passam por um processo de diminuição do número de pessoal ocupado, além terceirizar e subcontratar serviços de ex-funcionários, rebaixando assim os custos com mão-de-obra.. O baixo grau de sindicalização, a alta informalidade, a falta de qualificação profissional de grande parte dos agentes envolvidos na produção reflete um processo de grande precarização no setor de confecções. Este fato não

é característico apenas em nossa capital, mas em todo o país, onde rendimento médio mensal das trabalhadoras é muito baixo, variando de acordo com a região.

No que tange ao empresariado no setor de confecções, a predominância de micro empresas é um indicativo de que a organização da produção ainda se dá de maneira mais descentralizada. O alto índice de subcontratação, tanto de trabalhadores como de empresas, resultado da estrutura organizacional da produção do segmento que prima pela maior competitividade e menores preços, faz com que as formas de produção precarizadas sejam disseminadas por toda a cadeia produtiva. A falta de pessoal qualificado é tida por 40% dos empresários entrevistados como uma das principais dificuldades na empresa, o que revela uma característica típica do setor de confecções: o aprendizado sendo realizado no ambiente familiar ou da própria empresa, sem o apoio de instituições de ensino. A sazonalidade da produção também prejudica bastante a continuidade dos negócios, muitas vezes de base familiar, o que desestimula uma continuidade no setor de confecções.

A atitude de empresários e trabalhadores perante o associativismo é um tema de grande importância visto que organismos de apoio à micro e pequena empresa tais como o Sebrae, bem como órgãos de planejamento vinculados ao Estado têm estimulado o associativismo enquanto plataforma de desenvolvimento regional. Uma simples visita aos *sites* do Sebrae e da Secretaria de Planejamento revela claramente tal tendência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alice Rangel de Paiva. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria da confecção*. São Paulo: Hucitec, 1986.

ABREU, Alice Rangel de Paiva e SORJ, Bila. Subcontratação e relações de gênero na indústria da confecção. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva e PESSANHA, Elina. *O trabalhador carioca: estudos sobre trabalhadores urbanos do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: JC, 1995.

LEITE, Márcia de Paula. *Tecendo a precarização: gênero, trabalho e emprego na indústria de confecções em São Paulo*. Trabalho apresentado no XXVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2004.

LIMA, Jacob Carlos. Novas formas, velhos conteúdos: diversidade produtiva e emprego precário na indústria do vestuário. *Política e trabalho*, João Pessoa, n. 15, p. 121-140, setembro, 1999.

NUNES, Jordão Horta e CAMPOS, Andréia Ferreira *O setor de confecção em Goiânia: análise da relação entre trabalho doméstico e trabalho domiciliar*. Trabalho apresentado o I Seminário Nacional de Trabalho e Gênero. Goiânia, 2006.

RAMALHO, José Ricardo e SANTANA, Marco Aurélio. *Sociologia do Trabalho no mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

FONTE DE FINANCIAMENTO – CNPq/PIBIC

¹ Bolsista de iniciação científica/ Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. rogerio.bueno@hotmail.com

² Orientador / Faculdade de Ciências Humanas de Filosofia. jordao@fchf.ufg.br;